

Camadas de artificialidade - 29/08/2015

No começo era a terra, a água, o verde da natureza e os bichos. Depois veio o homem com seus instintos: comer, dormir, se reproduzir. Ele era o bom selvagem* e precisava sobreviver, mas tinha compaixão de si e do sofrimento alheio. Em algum momento o homem começou a se expressar individualmente e a comunicar-se [entre si], formou comunidades e se socializou. Acreditamos que por aí se mostra a primeira camada de artificialidade: a produção da linguagem e a criação de regras de convívio social. Tudo o que é produção humana é artificial, excetuando-se a procriação que é natural. O organismo humano é natural e ele estava bastante ligado à natureza, naquele tempo longínquo. Na natureza, os fenômenos e as interações entre os seres seguem sua lógica, na qual o homem se insere. Mas, quando ele se insere, ele muda a correlação de forças, porque produz coisas artificiais. O homem não soube (ou não quis) se manter na lei natural, ele criou a sua própria lei e submeteu a ela a própria natureza. Se a primeira camada de artificialidade era composta pela linguagem e valores éticos, a ela se sucederam outras: a vestimenta, a propriedade, a moeda de troca, os utensílios, as armas. De fato, nos parece que a primeira camada de artificialidade foi não material [ou virtual], oriunda de esforço mental e psicológico, e dela surgiram necessidades materiais: os objetos criados a partir de transformações naturais. A partir dessas duas camadas, de suas sobreposições, de seus relacionamentos e cruzamentos, advieram outras camadas artificiais materiais e virtuais, até chegarmos aos nossos dias.

Portanto, houve um processo histórico que irrompeu na atualidade e seguindo um determinado caminho, transpondo e criando camadas artificiais. Seria um trabalho importante identificar séries que trilham determinadas camadas materiais e virtuais para poder identificar sua origem natural e qual o alvo artificial atingido. Contudo, o que a construção das camadas artificiais nos permite concluir é que elas são fator determinante em todos os nossos atos e relações. A tal ponto que fica realmente difícil poder estabelecer qualquer valor de verdade, de certo ou errado e de julgamento. A densidade de artificialidade polui nossos interesses e não temos nenhuma garantia de como ou porque defendê-los. Nossos interesses, se perdendo nas camadas de artificialidade, se alinham ou se chocam com os interesses dos outros e, sem o estabelecimento ou a publicação da cadeia perpassada em cada camada artificial, realmente não podemos chegar a nenhuma conclusão, não podemos defender nossos pontos de vista e nem lutar por eles.

Esse histórico artificial extrapolou na atualidade e caímos em um relativismo absoluto. Nenhum argumento que se dê muita acima de camadas de artificialidade

pode ser factível ou provável. De qualquer forma, algumas esferas institucionais, sociais, etc., procuram se precaver. Isso pode ser verificado no caso das ciências que delimitam seu contexto e suas variáveis, mas querendo se fazer neutras pecam em uma petição de princípio: atestar neutralidade já não é ser neutro. Além do mais, as ciências acabam por se fechar em si mesmas e, por mais que procurem se aproximar de uma camada natural, primitiva e essencial, produzem resultados que ecoam em camadas de artificialidade desprovidas de critérios de escolha e seleção, ao Deus dará da poluição e confusão que elas causam.

Por tudo isso, as infinitas camadas de artificialidade combinadas, regadas aos mais diversos elementos materiais e virtuais nos devem fazer desconfiar de qualquer necessidade vital nossa. Individualmente, não temos critérios de garantia. Então, se isso vale para mim, vale para os outros e vale para toda e qualquer relação de transferência ou zona de diálogo entre eu e os outros. Do que podemos concluir que não devemos estar tão entrincheirados e que qualquer guerra não parece ter fundamento, se não forem retrocedidas a um algo natural ou se não forem elucidadas todas as camadas artificiais materiais e virtuais por ela atravessadas e que forneçam subsídios para o ataque.

* Aqui nos inspiramos na teoria naturalista de J.J. Rousseau.